

## “ORATIO REFLEXA” EM PORTUGUÊS

Há mais dum quarto de século Manuel de Paiva Boléo, na *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*<sup>1</sup>, mencionou, entre os “temas para trabalhos de filologia portuguesa”, o “estudo do estilo vivido, indirecto livre ou fala reproduzida”, especificando o assunto desta maneira:

“É o caso de frases como estas: ‘Agora, quando nos veremos?... Talvez nunca mais...’

Não *dissesse* isso, porque nunca mais? O Rio *era* tão perto...’ (Afrânio Peixoto, *A Esfinge*, 5ª ed., 1923, p. 326).

Em vez do discurso directo (‘não diga isso’) ou do discurso indirecto, com um verbo *dicendi* e conjunção, emprega-se uma construção mais livre e expressiva. (...)

O predomínio do estilo directo, indirecto ou indirecto livre pode permitir-nos conclusões interessantes sobre o temperamento do autor” (p. 104-105).

Neste breve estudo perguntar-nos-emos primeiro qual foi, nos meados dos anos quarenta, o estado exacto da investigação sobre a *oratio reflexa* em português<sup>2</sup>. Em seguida falaremos nos estudos realizados nos últimos

<sup>1</sup> Extr. dos n.ºs 34 a 43 da *Revista de Portugal*, Lisboa 1946.

<sup>2</sup> Para justificar o nome de *oratio reflexa* (*estilo reflector*) que dou ao fenómeno linguístico e estilístico chamado por outros *style indirect libre*, *erlebte Rede* etc. permito-me citar algumas frases tiradas dum artigo que, sob o título *Imaginatio reflexa*, se publicará na revista suíça *Vox Romanica*, vol 32 (1973): “Le style réfecteur (*oratio reflexa*) reproduit les paroles et les pensées en transformant les systèmes personnel et temporel de la production par leur incorporation dans des systèmes dont le moi-ici-maintenant du rapporteur est l’origine. Il s’agit d’une réflexion dans le sens d’un changement de direction. Les grammairiens latins déjà employaient des termes indiquant une direction pour désigner le discours direct et le discours indirect: *oratio recta*, *oratio obliqua*. Si je propose le terme de *oratio reflexa* (style réfecteur) pour désigner le style “indirect libre”, je veux exprimer par là que dans ce style, de même que dans la *oratio obliqua*, nous avons un changement de direction, un changement de l’origine des systèmes temporel et personnel. Mais à part ce changement, le style réfecteur est moins oblique, moins en biais que le style indirect (*oratio obliqua*). Comme nous l’avons vu, il peut reproduire sans changement les schémas de construction syntaxiques employés dans la production. Cette réflexion pure, ce reflet direct et inchangé de la structure syntaxique distingue le style réfecteur du style indirect. Celui-ci est plus oblique parce qu’il présuppose l’existence d’un schéma syntaxique plus complexe, dans lequel l’acte de la

25 anos e por fim aludiremos a alguns pontos que nos parecem importantes numa investigação futura destinada a dar-nos uma ideia de conjunto da *oratio reflexa* em português.

Se não nos equivocamos, o primeiro a citar exemplos portugueses em *oratio reflexa* foi Adolf Tobler, no estudo '*Pieç'a, guere n'a, peut-être, este que, c'est que, c'est . . . que' und ähnliches ohne temporale Bestimmtheit*<sup>3</sup>. Este estudo contém os três exemplos seguintes, tirados de *O crime do padre Amaro* de Eça de Queiroz (p. 441):

...uma esperança immensa alumiou-lhe bruscamente a alma. O doutor Gouvêa é que o podia salvar, 319.

...o grave era o que estava por traz do murro (den der Pfarrer erhalten hatte) — uma conspiração contra a Ordem, a Igreja, a Carta e a Propriedade. É o que elle provaria d'alto ao senhor administrador (sagte er sich selbst), 359.

...o que todos queriam é que ella salvasse a sua alma (sagte er), 566.

Em tais exemplos, a Tobler interessa em primeiro lugar a indiferença temporal da expressão presentativa *é (o) que*. Não é aqui o lugar de estudar esse problema nem de discutir a interpretação dada por A. Tobler ao estilo reflector, caracterizando-o como "eigentümliche Mischung indirekter und direkter Rede, die von jener das Tempus und die Person des Verbums, von dieser die Wortstellung und den Ton nimmt" (p. 437). Para nós trata-se unicamente de pôr em relevo o facto que num estudo de A. Tobler, publicado em 1887, aparecem claros exemplos portugueses de *oratio reflexa*.

Menos claro é um exemplo citado um ano mais tarde por Johan Vising. Assim diz este autor falando do imperfeito português empregado para exprimir o conteúdo dum percepção ou dum discurso: "Das Wahrgenommene, das als mehr selbständig, nicht nur als Inhalt einer Empfindung, dargestellt wird, kann ebenso gut im Perfekt stehen. . . Wo eine ganze Reihenfolge von Empfindungen erzählt wird, stehen oft nur die ersten in direkter Abhängigkeit von dem Anführungsverb, die letzten machen sich

---

production des paroles et leur contenu apparaissent dans un rapport d'interdépendance et où le schéma syntaxique originel ne forme qu'une partie d'un ensemble nouveau" (p. 50-51). — Recentemente foi publicado um importante estudo de conjunto sobre o fenómeno do estilo reflector: Günter Steinberg, *Erlebte Rede, Ihre Eigenart und ihre Formen in neuerer deutscher, französischer und englischer Erzählliteratur*, Göttingen 1971.

<sup>3</sup> *Zeitschrift für romanische Philologie* 11 (1887), p. 433-441; reproduzido como número 1 da segunda série de *Vermischte Beiträge zur französischen Grammatik*, Leipzig <sup>2</sup>1906, p. 1-16.

von der Beziehung gleichsam los und bilden eine selbständige Erzählung im Perfekt. So z. B. bei Erzählung eines Traumes *Canc. geral I*, 476: *Senhora, contar-uos ey... De hum sonho que sonhey... Vos vinheys de cas da rrainha, Vos dezyeys... E daueys humu grande brado... Eu jazia ja deytado, Acordey estrounhado & salt ey fora da cama, & eu vos nam conheçy... Mas despoys que vos ben vy, Senhora, dissey etc."*<sup>4</sup>.

Bem possível é a reprodução dum sonho na forma do estilo reflector, porém unicamente se o conteúdo do sonho entra na consciência da pessoa que sonhou antes de essa o reproduzir, isto é se a reprodução não reflecte o sonho duma maneira directa, mas através duma tomada de consciência já passada. Se o plano intermediário entre o sonho e a expressão linguística dele não existir, não se trata de reprodução, mas sim duma produção desde o ponto de vista presente daquele que fala ou escreve. Conforme essa distinção, o exemplo citado por J. Vising pode-se interpretar por uma troca de perspectiva. A primeira parte (*vinheys, dezyeys, daueys*) estaria então em estilo reflector, os imperfeitos indicando simultaneidade com respeito a uma tomada de consciência que se situa no passado, enquanto que a segunda parte (*Eu jazia, acordey, salt ey* etc.) exprimiria uma visão passada vista directamente desde o *nunc* daquele que fala. Tal parece ser a interpretação dada a esta passagem por J. Vising<sup>5</sup>. Não seria, porém, impossível uma outra interpretação. Todo o sonho pode estar visto desde o momento em que o poeta compõe a poesia, os imperfeitos iniciais exprimindo o pano de fundo do qual se destaca a acção principal no pretérito simples. Se se estudar a poesia inteira<sup>6</sup>, a segunda interpretação resulta preferível, tanto mais que todo o sonho é fictício.

<sup>4</sup> Johan Vising. *Die realen Tempora der Vergangenheit im Französischen und den übrigen romanischen Sprachen*. Eine syntaktisch-stilistische Studie. I: Latein — Portugiesisch — Spanisch — Italienisch, Heilbronn 1888 (*Französische Studien*, VI/3), p. 62.

<sup>5</sup> Dizemos "parece" porque da argumentação de J. Vising se pode também deduzir que para esse autor a mudança de perspectiva tem lugar entre *jazia* e *acordey*. Mas se houver substituição de perspectiva no sentido indicado, tem a mesma de coincidir com a troca da pessoa (*vós - eu*). O imperfeito *jazia* explicar-se-ia perfeitamente na nova perspectiva como imperfeito durativo que exprime uma acção passada interrompida por outra acção passada (*acordey*).

<sup>6</sup> Trata-se duma poesia "De Joham Barbato a Violante de Meyra". Reproduzimos aqui, em forma completa, as três primeiras estrofes:

Senhora, contar-uos ey,  
preguntay a Vasco Palha,  
de hum sonho que sonhey,  
& do prazer que tomey  
tornou-sse-m'em namigalha.

Vos vinheys de cas da rrainha,  
vos dezyeys, que fogida,  
& dizendo: "ho mezquinha,  
poys ventura tal he minha,  
ja creo que sam perdida!"

Três anos depois dessa contribuição de J. Vising, A. Tobler publicou outro estudo com exemplos portugueses de estilo reflector <sup>7</sup>. Eis aqui um deles (p. 73):

... a noticia não podia ser indifferente a Jorge. A boa solução d'esta demanda facilitaria os seus projectos economicos; e poderia depois tentar mais desembaraçado os expedientes que a experiencia de Thomé lhe suggeria (Diniz, Casa mour. II 105).

O comentário desse grande sintacticista explicando-nos tais exemplos é o seguinte: "Nichts ist auch in ihnen (*sc.* as línguas românicas meridionais) üblicher als der Gebrauch dieser Verbalform, wo ein Geschehn in eine vom Standpunkte der Vergangenheit aus künftige Zeit verlegt wird, also namentlich auch da, wo in sogenannter indirekter Redeform, die bekantlich auch in Hauptsätzen auftreten kann, vorgetragen wird, was bei Anwendung der direkten in der Zeitform des Futurums ausgesagt worden ist" (p. 72-73) <sup>8</sup>.

Os quatro primeiros decênios do nosso século foram pouco fecundos à investigação da *oratio reflexa* em português. Só em 1939, achamos uma alusão ao nosso fenómeno, alusão que se revela contudo de pouco valor. Leo Spitzer tenta explicar o emprego do pronome *si* em frases como *Falei de si* por um recurso ao "style indirect libre" ("erlebte Rede") <sup>9</sup>. No em-

E daueys huum grande brado:  
"quem se doy d'aquesta dama!"  
eu jazia ja deytado,  
acordey estrouynhado  
& saltey fora da cama.  
& eu vos nam conhecy,  
quando foy pola primeyra;  
mas despoys que vos bem vy,  
senhora, disse assy:  
"soys Vyolante de Meyra."

Quando cheguastes a mym,  
vos fycastes bem cytada  
& dyxestes: "ho coyhada,  
nam achaua outra pousada,  
o demo me troux' aquy!"  
"A la fee," dyss'eu, "donzella,  
seres mynha conuydada,  
poys vos tenho na pynguela,  
eu creyo que soys aquela  
que doona seres tornada.

(*Cancioneiro geral*. Altportugiesische Liedersammlung des edeln Garcia de Resende. Neu herausgegcben von E. H. v. Kausler, Stuttgart 1846, I, p. 476-477).

<sup>7</sup> *Vom Gebrauche des Imperfectum Futuri im Romanischen. Sitzungsberichte der königlichen preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, 1891.

<sup>8</sup> Ao incluir esse estudo, sob o título *Vom Gebrauche des Futurum Praeteriti*, na segunda série de *Vermischte Beiträge zur französischen Grammatik (cit.)*, A. Tobler acrescenta uma segunda parte sobre o emprego do condicional no período hipotético. Essa parte contém exemplos portugueses que, talvez, apresentem também estilo reflector. Veja-se: "...vinham-le então desejos furiosos de demolir o parcho; mas o que o satisfaria mais, seriam artigos tremendos n'um jornal (Eça de Queiroz, Crime do p. Amaro 318)" (p. 157, n. 1).

<sup>9</sup> *Falei de si*, *Boletim de Filologia* 6 (1939), p. 181-185 e 204-205.

prego deste *si* tratar-se-ia "d'une attitude de l'individu parlant tendant à se mettre à la place et dans le rôle de l'interlocuteur: dans *leve o livro consigo!*... l'ancienne règle des langues romanes — le 'soi' doit se rapporter au sujet de la même phrase 'que o senhor prenne le livre *avec soi!*' — est encore respectée et cette survivance s'explique par le désir de parler du point de vue (à partir de) la personne à laquelle on s'adresse: 'elle prend le livre avec soi', le *réfléchi* évoque la sphère propre à cette personne. Dans *falei de si*... on va encore plus loin: ici le *si* ne se rapporte plus au sujet de la phrase (qui est 'je'), mais l'idée de la sphère personnelle impliquée dans le *réfléchi* est devenue autonome. Ce qui l'*erlebte Rede* est pour l'auteur, un moyen d'épouser la cause d'un personnage, de se transformer en lui et de vivre sa vie, le 'soi' ici l'est pour le parlant *poli*, qui, par politesse précisément, semble s'oublier au profit de l'interlocuteur" (p. 183-184).

Não temos a veleidade de discutir aqui tal explicação, aliás problemática. Uma coisa, porém, é certa: não oferece elementos novos para o estudo do estilo reflector, pois todo o artigo de L. Spitzer não contém uma só frase portuguesa em *oratio reflexa*. Como Holger Sten, também nós não aceitamos a explicação do pronome de tratamento *si* proposta por L. Spitzer<sup>10</sup>, mas com o linguista dinamarquês poderíamos continuar: "... d'autre part il est bien vrai que *si* peut parfois s'employer, aussi en dehors de sa fonction d'allocutoire, de façon bien libre, ne se rapportant pas au sujet de la phrase, mais au personnage principal de l'énoncé, emploi qui rappelle quelquefois celui du *se* latin dans l' "oratio obliqua": O padre achava-se bem n'aquella vida monótona, que exercia *sobre si* os mais notáveis efeitos analecticos (Julio Diniz: Os Fidalgos da Casa Mourisca 16). Ermelinda contrariou-se mais. Tudo, naquella dia se voltava *contra si* (Ferreira de Castro: Terra fria 129). Verdade seja que tão extremosas apreensões eram mais sobre si propria que sobre mim (Aquilino Ribeiro: Via Sinuosa 199). Dans quelques-uns de ces exemples, qui gardent leur valeur instructive même si ces tournures ne sont pas approuvées par les grammairiens, on peut bien, si on veut, trouver une parenté avec le style indirect libre<sup>11</sup>. Il nous semble pourtant plus simple et plus près de la vérité de constater que le rapport

<sup>10</sup> *Les particularités de la langue portugaise*, Copenhague 1944 (*Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*, II), p. 41-45.

<sup>11</sup> Acrescenta o autor em nota: "Qui est bien manifeste dans: se quisesse voltar, que voltasse, era lá consigo (Ferreira de Castro: Terra fria 129); mais il s'agit évidemment ici d'une transposition de *era lá consigo* du style direct, avec *consigo* au sens normal de pronom allocutoire" (p. 45, n. 1). — É preciso dizer que pelo menos o segundo dos exemplos citados no texto é um caso inequívoco de estilo reflector. Nele há mais que um parentesco com o "style indirect libre".

grammatical du réfléchi avec son antécédent logique peut être beaucoup plus lâche en portugais qu'en d'autres langues" (p. 45).

A relação estreita, mais estreita do que pensa H. Sten, entre o emprego de *si* e o estilo reflector surge um ano mais tarde na *Estilística da língua portuguesa* de M. Rodriguez Lapa<sup>12</sup>. Assim diz o ilustre especialista em estilística portuguesa: "Suponhamos que alguém, muito infeliz, desafoga em voz alta as suas desgraças, e diz para outro:

'O infortúnio fêz de *mim* um triste farrapo humano. Nem mesmo a honra, tão estimada dos felizes, existe já para *mim*'.

Este discurso chama-se directo; os pronomes estão naturalmente na 1.<sup>a</sup> pessoa, e o que se diz tem o calor das coisas proferidas pelo próprio, saídas directamente do coração. Se um outro quisesse exprimir a substância do discurso, modificaria o trecho neste sentido:

'Declarou então que o infortúnio fizera *dêle* um triste farrapo humano, que nem mesmo a honra, tão estimada dos felizes, existia já para *êle*'.

Neste discurso, chamado indirecto, introduzimos a conjunção integrante, os pronomes puseram-se na 3.<sup>a</sup> pessoa, e os tempos verbais passaram do perfeito para o mais-que-perfeito e do presente para o imperfeito. Perdeu-se o ardor sentimental do discurso directo; agora o narrador procura contar os factos objectivamente, com serenidade.

Os escritores inventaram porém um curioso processo, que consiste numa mistura dos dois discursos. Suponhamos que êsse infeliz está falando consigo mesmo, meditando nas suas desgraças. Então o narrador, insensivelmente, tende a intrometer-se nos seus sentimentos, por um movimento de simpatia. Perde-se pròpriamente a noção de quem fala, se é o autor, se é o protagonista:

'O infortúnio fizera de *si* um triste farrapo humano. Nem mesmo a honra, tão estimada dos felizes, existia já para *si*'.

A êste processo chama-se discurso semi-directo ou discurso indirecto livre. Diverge do discurso indirecto em não mencionar os verbos declarativos (*dizer, declarar, etc.*) e conjunções integrantes, e em usar as formas reflexas do pronome. Por êle temos a impressão de que quem fala ou medita se desdobra sôbre si mesmo e narra e sofre au mesmo tempo a acção. De aí, o emprêgo do reflexo" (p. 165-166)<sup>13</sup>.

Para completar a imagem da situação tal como se apresentou nos meados dos anos quarenta no campo das investigações sobre o estilo reflector, necessário será falarmos ainda dum estudo monográfico feito por J. Matto-

<sup>12</sup> Lisboa 1945. Há edições mais recentes.

<sup>13</sup> O termo de "discours *semi-direct*" foi proposto, em 1922, por E. Legrand, *Méthode de stylistique française*, p. 226.

so Câmara Jr: *O discurso indireto livre em Machado de Assis*<sup>14</sup>.

Depois de ter sucintamente caracterizado o discurso directo e o indirecto<sup>15</sup> o autor continua: "Ao lado do discurso directo e do indirecto, pode usar-se um terceiro processo, que conserva o cunho lingüístico das frases citadas sem a necessidade da sua transcrição em nome do personagem ('discurso indirecto livre') . . . A chave de tal construção está no emprêgo da frase, em discurso indirecto, completamente disjuncta de qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi* . . .

O traço mais curioso dêsse tipo sintático é que êle conserva as interrogações sob a sua forma originária, em contraste com o discurso indirecto estrito, que as reduz a uma incolor forma assertiva, mantendo embora dêste as transposições de que nos fala Jespersen. Da mesma sorte, e nas mesmas condições, mantêm-se as exclamações e a espontânea reprodução de palavras e locuções do personagem. Eis um exemplo de Machado de Assis:

*Minha mãe foi encontrá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprêgo interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha. . . (Casm., 48).*

Desde o segundo período temos, em discurso indirecto livre, um apanhado das palavras de D. Glória, cujo assunto fôra sintetizado pelo romancista na oração integrante anterior ('intimou-lhe que vivesse'), e depara-se-nos assim uma interrogação exclamativa e a locução textual — '*Não, senhor. . .*' ". Estas palavras, surpreendidas dos lábios do personagem, integram-se na unidade do todo da frase, "porque o discurso indirecto livre, ao contrário daquele em que há elo subordinativo, mantêm espontaneamente os elementos afetivos do discurso" (p. 28-29).

Para J. Mattoso Câmara "o discurso indirecto livre. . . estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala: em vez daquele apresentar o personagem no palco da narração como uma figura dramática, que fala por si (discurso directo) ou de lançá-lo aos bastidores para nos informar objetivamente sobre o que êle disse (discurso indirecto estrito), o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dêle e fala em unísono com êle. É assim um processo lingüístico a que o indivíduo pode recorrer, como a muitos outros, para imprimir a própria emoção nas palavras alheias que nos comunica" (p. 30-31).

<sup>14</sup> Publicado na *Miscelânea em honra de Antenor Nascentes*, Rio 1941, e reproduzido nos *Ensaio Machadianos* (Língua e Estilo), Rio de Janeiro 1962, p. 25-41. Não tendo a mão a *Miscelânea em honra de A. Nascentes*, cito segundo os *Ensaio Machadianos*.

<sup>15</sup> Essa caracterização está basada em O. Jespersen, *The Philosophy of Grammar*, London 1929.

Não nos queremos deter mais na parte geral e teórica desse estudo <sup>16</sup>. O valor da contribuição de J. Mattoso Câmara é de nos oferecer, pela primeira vez, uma dúzia de exemplos de estilo reflector colhidos na obra dum autor para o qual "o processo se amoldou às exigências de uma linguagem vernácula e inconfundivelmente pessoal" (p. 32).

Sem resumir as finas observações estilísticas desse filólogo brasileiro comentando os exemplos aí reunidos, pomos em relevo três pontos de capital relevância linguística:

- 1º O "discurso indirecto livre" é caracterizado, às vezes, por elementos afetivos em forma de brasileirismos, por exemplo *cachorro* em vez de *cão* no seguinte texto:

Exigia do dito Rubião que o tratasse (o cachorro) como se fôsse a êle próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte, que lhe quisessem dar por maldade; *cuidar finalmente como se cão não fôsse, mas pessoa humana*. Item, impunha-lhe a condição, quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e *mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fôsse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna preciosa para despositá-los no lugar mais honrado da casa* (Borb., 25).

- 2º Em oposição ao que afirma Marguerite Lips para o francês <sup>17</sup>, são bastante frequentes em Machado de Assis exemplos de interrogação pura, como neste texto:

D. Tonica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. *Que tais eram os ares?* (Borb., 61)

- 3º Pode-se assinalar em Machado de Assis "uma aplicação típica do discurso indirecto livre, qual é o de traduzir estados mentais dos personagens, em vez das palavras de um diálogo" (p. 37). Nesse caso o nosso procedimento é preferível ao discurso directo, porque "conserva os traços afetivos, mas não impõe ao leitor a noção de que o personagem pensou em frases definidas e nítidas, pois as frases apresentadas são do autor, tendo apenas a coloração afetiva do personagem" (p. 39).

<sup>16</sup> Que contém também uma discussão sucinta das opiniões que sobre a *oratio reflexa* emitiram Ch. Bally, Marguerite Lips, Th. Kalepky, Gertraud Lerch, E. Lorck e O. Jespersen.

<sup>17</sup> "Tandis que les questions proprement dites sont relativement rares dans la forme indirecte libre, les interrogations dubitatives et exclamatives abondent", *Le style indirect libre*, Paris 1926, p. 78.



Antes de terminar o resumo do estudo de J. Mattoso Câmara Jr. ousamos discutir ainda um dos exemplos:

Um dia, o nosso Rubião, acompanhando o médico até à porta da rua, perguntou-lhe qual era o verdadeiro estado do amigo. Ouviu que estava perdido, completamente perdido; *mas que o fôsse animando* (Borb., 6).

Eis aqui o comentário de J. Mattoso Câmara Jr. neste texto: "Tem-se aí, de início, o discurso indireto estrito, apenas pôsto curiosamente sob a égide de um verbo introdutor *audiendi*, em vez de *dicendi*; o que acentua a importância permanente do ouvinte e a transitoriedade do falante no teor da narrativa. Mas a segunda parte da frase já tem outro caráter. Não se trata, a meu ver, de uma oração integrante ('mas ouviu que o fôsse animando'), senão de uma transposição em discurso indireto livre da conclusão do médico ('mas vá o animando'), onde a partícula *que* serve para assinalar o valor esporadicamente imperativo do pretérito imperfeito *fôsse*, em virtude da transposição do tempo verbal" (p. 32-33).

Recusamos todavia tal interpretação, supondo que a forma originária das palavras de Rubião foi esta: "Ouvi que está perdido, completamente perdido; mas que (eu) o vá animando". No texto de Machado de Assis a *oratio reflexa* começa, portanto, com *ouviu*, verbo do qual já na produção inicial dependia um discurso indirecto. Esse discurso nada tem a ver com a reprodução das palavras de Rubião. Claro, contudo, que dentro dessa completiva há transposição temporal, como o há também na frase exortativa que segue (*que o vá animando* > *que o fôsse animando*). A forma originária desse frase exortativa não é, a nosso ver, um imperativo, endereçado a Rubião durante a entrevista que tivera com o médico, mas um conselho anteriormente formulado pelo esculápio, conselho esse que chegou aos ouvidos de Rubião por via indirecta.

O que parece contradizer, à primeira vista, esta interpretação é a forma *ouviu*. Como justificar, pois, um pretérito simples dentro da *oratio reflexa*? É uma das peculiaridades das línguas iberoromânicas que com certa frequência empregam o pretérito simples no estilo reflector<sup>18</sup>. Esses pretéritos simples não resultam duma transposição. São formas que sem transposição exterior podem passar da produção à reprodução, embora na perspectiva daquele que reproduz as palavras ou os pensamentos (o autor, num texto literário) o acto de produção pertença ao passado.

Acrescento que a não-transposição temporal não exclui, naturalmente,

<sup>18</sup> Cf. a nota 15 do estudo supra citado (nota 2), destinado ao volume 32 de *Vox Romanica*.

a transposição pessoal, indispensável, que transforma *ouvi* em *ouviu*, como transforma *que (eu) o vá animando* em *que (ele) o fôsse animando*.

\* \* \*

Depois de caracterizada a situação científica como se apresentava no campo da *oratio reflexa* quando se publicou a *Introdução* de Manuel de Paim Boléo, nós perguntamo-nos qual foi a sorte posterior desse problema, proposto como "tema para trabalhos de filologia portuguesa". Infelizmente sobre o nosso assunto não nos é possível mencionar muitos estudos. Uma breve nota de Jacinto do Prado Coelho<sup>19</sup> dá-nos a prova de que o romanceiro popular conhece o estilo reflector. Apresentamos um exemplo com o comentário do autor:

Estando nesta aflição,  
O rei à porta batia:  
A condessa não é morta?  
Senão ele a mataria (I, 487).

"Se o terceiro verso está no discurso directo, o quarto já refere indirectamente, embora sem conjunção integrante, as palavras do rei; já se reporta ao passado (*mataria*)" (p. 18). Podemos concluir com o autor que "o discurso semi-directo é um dos valores estilísticos dignos de nota dos romances populares. No discurso semi-directo vemos como o Autor é levado a comungar nos sentimentos, nas volições, nas atitudes das personagens" (p. 19-20).

O livro de Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*<sup>20</sup> contém um capítulo sobre "El estilo indirecto libre" (p. 212-218), que apresenta uma dúzia de exemplos de estilo reflector tirados das obras de Eça de Queiroz. Desde o ponto de vista literário e estilístico o autor diz isso: "En la prosa portuguesa es Eça de Queiroz el primero que lo usa con conciencia estilística. En todas sus novelas y relatos lo hallamos, constantemente, debido a las indudables influencias de sus modelos extranjeros —entre las cuales la de Flaubert fue la más definitiva. Al dar carta de ciudadanía lusitana a este arbitrio idiomático, le presta toda una serie de ricas variaciones, combinándolo en fórmulas de gran expresividad con el discurso directo y el indirecto" (p. 212).

<sup>19</sup> *O discurso semi-directo no romanceiro popular. Revista de Portugal* 14 (1949), p. 18-20.

<sup>20</sup> Coimbra 1954 (*Acta Universitatis Conimbrigensis*). Existe uma tradução portuguesa, publicada em Lisboa (Editorial Aster) s. a.: *Linguagem e estilo de Eça de Queiroz*.

"Este tipo de discurso tenía forzosamente que ejercer un fuerte atractivo sobre Eça: en primer lugar le permitía liberrar la frase de los odiados verbos 'declarandi' y de la correspondiente conjunción completiva ('disse:' o 'disse que. . .'); en segundo lugar, aproximaba su expresión literaria a los procesos de la lengua hablada; y en tercero, lograba impersonalizar su relato disimulándose detrás de sus personajes, dándoles una aparente autonomía —lo cual satisfacía su realismo— al mismo tiempo que, sutilmente, se confundía en un mismo movimiento con personaje y lector, sumergiéndose dentro de aquél e identificándose con él para dirigirse a éste —con lo cual daba salida a sus tendencias impresionistas. El lector no sabe si es el autor o el personaje el que habla: la imaginación tiene libre juego; y disfruta de la sensación de oír expresarse a ambos a la vez" (p. 213) <sup>21</sup>.

Com muita razão Ernesto Guerra da Cal insiste nos felizes efeitos estilísticos provocados pela integração de elementos afectivos (interjeições, vocativos etc.) na *oratio reflexa*, coisa impossível na *oratio obliqua* <sup>22</sup>, e pela alternância do estilo indirecto livre com o estilo directo e o indirecto puro na reprodução de diálogos, onde os três estilos "se van mezclando en transiciones rápidas, desarrollando ante el lector un movido cambio de planos, de puntos de vista, que da a la narración un carácter cinematográfico, un dinamismo de cámara que cambia de lugar:

<sup>21</sup> Cf. también: "Vemos pues, que el estilo 'vividio' o indirecto libre es para Eça un recurso habitual y permanente. Con él da una extraordinaria movilidad expresiva a la narración e inyecta en su prosa un caudal vitalizador de elementos del hablar social, de donde esta forma de expresión procede. Es éste, quizás, uno de los contactos más estrechos de la lengua queirociana con la palabra viva. Por medio de estos esquemas motores, estos giros y disonancias lógicas, un estilo como el suyo, trabajadamente literario, da la impresión de la viveza emotiva y de la naturalidad de la expresión oral. Como Flaubert, como Zola, y como todos los naturalistas y realistas que los siguen, Eça remozca el idioma literario dando cabida en él a formas de la conversación — que chocaban con los hábitos convencionales de la literatura portuguesa coetánea" (p. 217).

<sup>22</sup> Eis aqui dois exemplos:

O padre Amaro esclareceu-a, com bondade. O inimigo tinha muitas maneiras, mas a habitual era esta: fazia descarrilar um trem de modo que morressem passageiros, e como essas almas não estavam preparadas para a Extrema-Unção, o demónio ali mesmo, zás, apoderava-se delas! (*CPA*, 385).

— Estás típico Alencar! Estás a preceito para a gravura e para a estatua!

O poeta sorria, passando os dedos com complacência pelos longos bigodes românticos, que a idade embranquecera e o cigarro amarelara. Que diabo, algumas compensações havia de ter a velhice!... Em todo o caso o estômago não era mau e conservava-se, caramba, filhos, um bocado de coação (*OM*, II, 455).

Repetia, fitando-a, tomando-lhe as mãos:

— Não é verdade que estou velho?

— Não muito — e os seus olhos humedeciam-se.

Ah! Estava, estava! O que lhe apetecia agora era viver para ela, vir descansar nas doçuras da sua intimidade. Ela era a sua única família. — Fazia-se muito parente. — A família no fim de tudo é o que há de melhor ainda. Não te incomoda que eu fume? (*OPB*, 169)" (p. 214-215) <sup>23</sup>.

É digno de nota por fim o uso do estilo reflector em frases parentéticas. "La frase parentética es típica de su estilo, y en esta combinación resulta particularmente feliz. Por medio de ella hace muy sensible para el lector la doble voz, de narrador y personaje. Tanto más efectivamente, cuanto que la de éste nos llega de pronto, intercalada con gran fuerza evocativa en el cuerpo del relato, y como por sorpresa — efecto favorito de Eça:

... André Cavaleiro que recusara a sopa (oh, no verão nunca comia sopa!) dominava a mesa... (*ICR*, 176)" (p. 216-217).

Essa obra de E. Guerra da Cal é mencionada em duas notas (20 e 25) dum artigo recente sobre um aspecto peculiar do estilo reflector, isto é a capacidade de resumir <sup>24</sup>: "Nicht nur eine längere zusammenhängende Rede kann auf einen Bruchteil ihres Umfangs reduziert werden, es können auch, ebenso wie bei der Gedankenwiedergabe, zeitlich auseinanderliegende Aeusserungen in einer zusammengefasst werden. Gerade weil die erlebte Rede nicht einer wirklich getanen Aeusserung voll entspricht, kann sie diese Funktion übernehmen" (p. 364). Para ilustrar essa possibilidade D. Beyerle cita, ao lado dum exemplo tirado de *Madame Bovary*, aquela passagem de *O primo Basílio* (no fim do capítulo 6), onde D. Felicidade fala da queda na escada:

<sup>23</sup> No exemplo seguinte não falaria, porém, dum efeito que o autor consegue "mezclando alternadamente el indirecto libre con el directo" (p. 216). Visto que as frases intercaladas (*Criado de suas senhorias. Cuidado com o degrau. As ordens de suas senhorias*) não têm verbo, é impossível, com respeito a elas, distinguir entre *oratio recta* e *oratio reflexa* por indícios formais inequívocos. Para nós estas frases pertencem também à *oratio reflexa* e o exemplo mostra precisamente a grande liberdade que existe no emprego deste procedimento:

Enfim os dois padres saíram acompanhados até à porta pelo senhor administrador, que, terminados os deveres públicos, reaparecia homem de sociedade — Então por que não tinha o amigo Silvério vindo a casa da Baronesa de Via-Clara? Houvera um voltarete furibundo. O Peixoto levava dois codilhos. Tinha dito blasfémias medonhas!... Criado de suas senhorias. Estimava bem que tudo se tivesse harmonizado. Cuidado com o degrau... As ordens de suas senhorias... (*CPA*, 331)

<sup>24</sup> Dieter Beyerle, *Ein vernachlässigter Aspekt der erlebten Rede, Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen*, 123. Jahrgang/208. Band (1972), p. 350-366.

Apenas alguém entrava para a ver, redobrava de exclamações e de queixas; vinha logo a história miúda, incidentada, prolixa da 'desgraça': ia a descer, a pôr o pé no degrau; escorregara, sentiu que ia a cair; ainda se sustentou, e pôde dizer: Ai Nossa Senhora da Saúde! Ao princípio a dor não foi grande; mas podia ter morrido; tinha sido um milagre!

Com diz D. Beyerle, é evidente que o autor não descreve uma cena determinada dentro da série de outras quase idênticas que começavam "apenas alguém entrava", e que o conteúdo das queixas não é mais que resumido. Para isso, o estilo reflector é mais apropriado que as demais formas de reprodução.

\* \* \*

O trabalho de conjunto sobre o estilo reflector em português está ainda por escrever. Não se trataria de descrever nem de explicar a *oratio reflexa* como fenómeno linguístico geral. A bibliografia sobre tal assunto é copiosa. O que ainda não está detalhadamente estudado são as peculiaridades linguísticas da *oratio reflexa* em português e a história do emprego que dela fizeram as literaturas portuguesa e brasileira. Para tal, restringimo-nos aqui a algumas alusões:

Ao que concerne as peculiaridades linguísticas, o português apresenta alguns pontos interessantes no campo das transposições necessárias para efectuar a integração do sistema pessoal e espacial da produção no da reprodução. Já falámos no uso de *si*. Ter-se-ia de estudar também o emprego de *vir* e *ir*, de *trazer* e *levar* assim como o dos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* e dos advérbios correspondentes *aqui*, *áí*, *ali* <sup>25</sup>.

Mais interessante ainda seria o estudo das transposições temporais. Aludimos acima a um aspecto desse problema, a saber a possibilidade de não transpôr o pretérito simples, possibilidade ilustrada também pelo último exemplo citado (tirado de *O primo Basílio*). Os múltiplos aspectos das transposições em questão só poderiam ser estudadas com base sólida numa análise nova de todo o sistema temporal do português, que —como é sabido— difere em pontos importantes dos sistemas temporais das outras línguas românicas <sup>26</sup>.

<sup>25</sup> No espanhol, língua que em vários aspectos apresenta problemas similares, tais problemas se estudam, em parte, em duas teses de doutoramento recém-publicadas: Marina López Blanquet, *El estilo indirecto libre en español*, Montevideo 1968; Guillermo Verdín Díaz, *Introducción al estilo indirecto libre en español*, Madrid 1970 (*Revista de Filología Española* - Anejo XCI).

<sup>26</sup> Custa-nos aceitar a afirmação de Ernesto Guerra da Cal de que, como resultado geral das transposições necessárias, na *oratio reflexa* o mais-que-perfeito toma

Quanto à história da *oratio reflexa* na literatura portuguesa muito nos falta saber. Que desde Eça de Queiroz o estilo reflector é um meio estilístico já consagrado na novela, está fora de dúvida. Mas faltam estudos sobre autores e escolas literárias que nos permitam formular juízos mais diferenciados. Por outro lado, Eça de Queiroz não foi o primeiro a empregar o estilo reflector na literatura portuguesa. Embora não tomemos em consideração o exemplo do *Cancioneiro Geral* acima citado, podemos afirmar que o século XV já conhecia esse procedimento. Exemplifiquemos com a *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes <sup>27</sup>.

O homem boom quando lhe ouvio dizer, que todavia queria poer mão em tall feito, foi tam ledo, que mais seer nom pode; e assi como chorando com prazer se afastou dell huũ pouco oolhando, e disse:

E he isto verdade, filho, Senhor, que vos tam boa cousa como aquesta querees fazer?

Certamente, disse o Meestre, ssi. *E nom o leixaria dacabar por cousa que aviir podesse.*

Entom se chegou a ell Alvaro Paez e beijouho no rrostro dizendo:

Hora vejo eu, filho, Senhor, a deferença que ha dos filhos dos Reis aos outros homeês (p. 14).

Estomçe chegaram a elle, pedindo lhe por merçee que os nom quisesse des-emparrar leixando elles e o rregno todo, que com tanto trabalho fora gaanhado pellos Reis domde elle viinha, em poder de Castellaãos; *ca elles bem certos eram, que elRei de Castella era a pressa chamado da Rainha; e viimdo ao rregno poderosamente era per força de sse asenhorar delle, se nom tevesse quem no defemder, e elles postos em mezquinha e rrefeçe sojeiçom...* (p. 42).

Para o século imediato J. Mattoso Câmara (p. 31) achou o seguinte exemplo nos Lusíadas:

Na primeira figura se detinha  
O Catual que vira estar pintada,  
Que por divisa um ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa e penteada.  
*Quem era e por que causa lhe convinha  
A divisa que tem na mão tomada?*  
Paulo responde: ... (Lus., VIII-1 ed. Epifânio)

o lugar de pretérito composto, afirmação que o autor faz citando o seguinte exemplo (p. 213-214):

Um pouco antes das nove horas uma carruagem parou à porta. Era D. Felicidade. Abafara todo o dia! E à noite nem uma aragem! Até tinha mandado buscar uma carruagem descoberta, que num coupé, credo, morria-se! (OPB, 99).

Haveria aqui, efectivamente, correspondência entre a forma *tinha mandado* na reprodução e um pretérito composto *tenho mandado* na produção?

<sup>27</sup> Segundo o códice nº 352 do Arquivo nacional da Torre do Tombo. Edição prefaciada por António Sérgio, vol. I, Porto 1945.

Terminando com este exemplo clássico, esperamos que a descrição do estado actual dos estudos sobre a *oratio reflexa* em português desperte o desejo de novas investigações nesse campo sintáctico-estilístico de tão grande interesse <sup>28</sup>.

GEROLD HILTY

Universidade de Zurique

<sup>28</sup> Não quero deixar de agradecer à Senhora Yvonne Grubenmann-de Athayde (Zurique) a revisão estilística que fez do texto deste estudo. Ao meu colega Manuel de Paiva Boleó (Coimbra) estou agradecido por algumas indicações bibliográficas. Quando o presente estudo estava já no prelo, pude ler o livro de Holger Sten, *L'emploi des temps en portugais moderne*, København 1973. Este livro contém interessantes alusões à *oratio reflexa* em português, nas páginas 10, 11, 27, 47, 57, 101, 102, 108, 113, 121, 134, 139; 146-147, 155; 205-206, 217, 218, 226, 301.